



Conselheiro José Fernando de Souza (Nemo)

(Engenheiro distinctissimo de indiscutida auctoridade, nosso primeiro apologeta, catholico fervorosissimo)

PROPRIETARIO

Joaquim Antonio Pereira Villela.

DIRECTOR

Dr. Francisco de Sousa Gomes Velloso.

EDITOR

Antonio José de Carvalho.

ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de
informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias (1 anno) . .	2\$400
» » (6 mezes) . .	1\$200
» » (3 mezes) . .	600

A' cobrança feita pelo correio e pelo cobrador, accresce o importe das despesas.

Estrangeiro (1 anno)	3\$000
» (6 mezes)	1\$500
Numero avulso	60

Conego Bernardo Chouzal

2.^a Oração funebre

DE

**D. Manuel Baptista
da Cunha**

Arcebispo Primaz de Braga

recitada no dia 27 de setembro de 1913
nas exequias que promoveu o clero do arciprestado
de Monção e Melgaço,
na matriz da villa de Monção.

Defendendo-O e Defendendo-me

Com um artigo sobre D. Carlos I

Depositarios—Cruz & COMP.^a

Rua Nova de Souza—Braga

Cathecismo
Popular Catholico
por FRANCISCO SPIRAGO
Versão do Dr. Arthur Bivar
PREÇO 1250 reis

Cathecismo para
os parochos
Por Mgr. Manuel Marinho
Preço. 2 volumes 1\$200 rs.

M.^{me} Permond
Conselhos d'uma mãe
a seus filhos
Tradução feita por
um preso politico
PREÇO, 150 reis.

Collegio Lyceu Portuguez
HUY (BÉLGIQUE)

DIRECTOR—José Luiz Mendes Pinheiro

Situação magnifica.—Educação moderna.

—Instrução primaria e secundaria completas
—Preparação para as universidades belgas.

—Professores de diversas nacionalidades para
o ensino das linguas.

Este collegio veio substituir o antigo Collegio Lyceu Figueirense, da Figueira da Foz. N'elle encontram os alumnos as vantagens d'uma educação moderna, n'um dos paizes mais avançados da Europa, sem augmento de despeza.

Viagens e todas as despesas por conta do Collegio, mediante o pagamento d'uma annuidade fixa, cuja importancia não é superior ao total das despesas a pagar em collegios portuguezes. Pedir prospectos ao director.



ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela.

Director, Dr. F. de Sousa Gomes Velloso

EDITOR

Antonio José de Carvalho.

ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 11 de abril de 1914

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, R. dos Martyres da Republica, 91
Não se restituem os originaes

Numero 41—Anno I



JESUS COROADO DE ESPINHOS

Reprodução de um desenho, a carvão, de Domingos Antonio de Sequeira

(Cliché do dist. phot. am. sr.
João San Romão)

Chronica da semana

XLI



ABRIU agora a *Republica* um inquerito intitulado: *Qual é o mais bello livro?* e já obteve resposta d'alguns escriptores contemporaneos. Um numero d'esse jornal que temos á nossa frente publica o parecer do sr. João Bonança, escriptor e professor, que sem reбуço e sem receio de escandalo, declara que o mais bello livro de ha 30 annos para cá, é nem mais nem menos do que a sua *Historia da Iberia*, entre varias razões porque n'ella mostrou as façanhas da raça lusitana, vingando-a de detracções affrontosas, e porque a opinião da nossa illustrissima critica saudou o apparecimento da referida *Historia* como a melhor obra de todo o seculo XIX. Estes dois ponderosos motivos auctorisaram o sr. João Bonança a atirar para as ortigas com a modestia, que fica bem a toda a gente, e a apresentar-se martyr do esquecimento ingrattissimo d'este seculo XX, que teve a infelicidade de não assistir ao sensacional acontecimento da publicação do livro do mesmo senhor.

Temos a vaga recordação de que o sr. Bonança já saracoteou no proscenio da politica os primeiros regamboleios de chefe de partido, e, sendo assim, não é muito de espantar o desassombrado arreganho com que alcandora o seu livro nos cumes deslumbrantes da gloria immorredoira, visto como hoje, em Portugal, os homens grandes accodem em tropel, estendendo para a turba extatica uma certidão de genios em primeira mão, incubados durante o tenebroso periodo da dominação tyrannisante, inquisitorial, fradesca e ominosa do regimen desfallecido em 5 d'outubro nos alentados e fel-pudos braços do sr. Teixeira de Souza...

O sr. Affonso Costa, não podendo, por um simplicissimo acaso, declarar-se fundador da nacionalidade, reputa-se o maior estadista do paiz; o sr. Brito Camacho arvora-se em scintillante pensador, arbitro argucissimo dos destinos portuguezes, mesmo sem licença da Providencia divina; o sr. Antonio José d'Almeida, não aspirando a homem d'Estado, avança de palmito e capella, symbolo de toda a Virtude e prodigio da tribuna; o sr. Machado dos Santos enxerta parentesco na arvore genealogica de João Pinto Ribeiro e olha cá de baixo, por não poder olhar do alto, a *estatua de Affonso d'Albuquerque*; o sr. Bernardino Machado suspende na palma da mão todo o futuro da Europa, impõe á ignorancia crassa do seu paiz adoptivo um novo criterio de imparcialidade que consiste em dar pancada para ambos os lados, e ameaça o imperador da Russia com a publicação dos telegrammas de parabens pelo

seu anniversario, que recebeu d'uns sujeitos do Rio; e *ainsi de suite*, como nos folhetins do *Matin*...

Habituaados, pois, a estes casos typicos de hypertrophia, não temos razão de nos irritarmos com o sr. Bonança. O inquerito da *Republica* presta, sob este ponto de vista, um altissimo serviço aos psychologos que se deem paciencia de nos esmiuçar as parvoices.

Todavia, por outro lado, o inquerito nada trará de util nem de interessante, vindo a ter o mesmo destino que um outro acêrca da sublimidade da lei de separação, em que ao lado do dr. Pinto Coelho appareceram o sr. Grinha, uma professora primaria, e depois um sr. operario Lucas apontoando varias considerações pittorescas.

Escolher um *bello livro* é das preoccupações mais difficeis, se nós não *especialisarmos* a belleza a que nos referirmos. Bello porquê e em quê?

Na escripta, nas ideias, em prosa, em verso, na encadernação, na impressão typographica? Ninguem sabe. E assim foi que o dr. Eduardo de Sousa opinou que era *bello livro* um simples trecho da *Velhice do Padre Eterno*, e a maior parte dos inquiridos afina pelo mesmo tom elogioso apenas no campo litterario, n'uma pequena escala que vae do *Só*, de Antonio Nobre, á *Paixão de Maria do Céu*, de Carlos Malheiro Dias.

Dando, porém, como assente a belleza no terreno litterario, as opiniões emittidas accusam ainda uma educação intellectual curiosa, e de todas ellas fica apenas a conclusão de que, mesmo na litteratura, não se procurou o mais puro mas o de maior effeito. As obras indicadas são na verdade perfeittissimas nos seus generos, excepto a do sr. Bonança, porque a não conhecemos, infelizmente. Mas, antes do *Só* não ha nada mais bello? E os nossos classicos, e Vieira, e Camões, e Sá de Miranda, e Bernardim, e Gil Vicente, e Bernardes, e Rodrigues Lobo, e A. de Macedo, e Bocage, e Camillo, e tantos outros?

Estas defficiencias não revelam falta de gosto artistico, mostram apenas uma perversão *rafinée* do mesmo gosto. Busca-se a impressão de momento, não a perfeição que perdura e fica como um modêlo. Procura-se uma simples excitação de sensibilidade, não a consoladora paz das obras que o tempo não derruba e que encerram, para nós, os verdadeiros reflexos da pujante intelligencia do homem.

E' uma questão de temperamento e de educação, mas na qual reside a explicação bem dolorosa de vivermos n'um paiz descebrado e desorientado, que, na politica, na arte e na religião, transviou da sua linha tradicional. E quando tal acontece, não ha receio de se fallar em decadencia.

F. V.



Serões eruditos

VIII

Aventuras do alfabeto

∞∞

5.º



As letras do alfabeto tiveram também as suas aventuras financeiras!

Nenhum leitor que se preze desconhece o valor de certas letras na chamada numeração romana; mas creio que poucos sabem que muitas outras letras do alfabeto, que não têm valor n'essa numeração o tiveram n'outras. Vamos, pois, n'este serão passar uma revista ao valor de cada uma d'ellas.

O *A*, que hoje não empregamos na numeração romana, teve n'ella o valor de 500, hoje representado pelo *D*, e com uma linha horizontal sobreposta valia 5:000. É entre os gregos valia... a unidade, com uma virgula ou apostrophe sobreposta, e com o mesmo signal infraposto valia 1:000.

O *B*, para os gregos e hebreus, valia 2, e para os latinos 300 com um traço ou til sobreposto e 3:000 com o til por baixo. O *C*, na numeração romana vale 100, e com um til sobreposto 100:000, e depois d'um *X* vale 90. Os gregos, sobrepondo-lhe ou subpondo-lhe a virgula davam-lhe respectivamente o valor de 3 e 3:000 (ao *gamma*, é claro, porque o *c* não existia no alfabeto grego).

O *D*, com um *I* anteposto e mais elevado, valia 1:000 entre os romanos e com o traço sobreposto 5:000, e entre os gregos, com a costumada virgula, 4 e 4:000. O *E* (é psilón) na Grecia, segundo a posição do apostrophe, 5 e 5:000; mais tarde, quando foi introduzido o *é* longo, ou *eta*, este valeu 8 e 8:000. O *F*, na idade media equivalia a 40 e com um traço horizontal por baixo a 40:000. Quanto ao *G*, encontro n'um dictionario hespanhol, que foi letra usada com o valor de 400, e com um traço por baixo, de 4:000. O mesmo traz Domingos Vieira, mas

nem um nem outro dizem onde teve o *G* esses valores.

O *H*, coitado, que nos alfabetos latinos e neo-latinos representa também o *eta* grego, valia entre os romanos 200, e sob um traço horizontal 200:000. Esta desventurada letra baixou de tanta opulencia á miseria de não valer nada, ou peor, de equivaler a *nada*... em italiano. Os italianos, não contentes com terem desterrado impietosamente o *h* da sua lingua, conservaram-lhe apenas o nome *acca* nas expressões *non valere un'acca*, *non capire un'ac-*



A oração no Horto

(Quadro de Nicolo Pussino)

ca: não valer um *h*, não perceber um *h*: quer dizer: *nada*! O *I* também empobreceu; na antiga numeração romana valia 100 e na moderna 1. Para se vingar do proximo, quando topa adiante de si outra letra mais rica, rouba-lhe uma unidade; assim *X* valle 10 e *IX*: nove. O *J*, que eu saiba, nunca teve cotação na bolsa,





Ecce Homo
(Quadro de Correggio)

por motivos que levariam muito tempo a explicar aqui.

O *K*, diz Domingos Vieira, n'alguns antigos escriptores significava 250 e com uma linha horizontal por cima valia 250:000. O *L*, nas mesmas condições, designa 50 e 50:000.—Tomou aqui uma pitada, para responder a uma senhora, chamada Laura, leitora da *Illustração Catholica*, zeladora do bom nome da letra *L*, da qual eu disse n'um dos serões, que tem uma chronica escandalosa. Pois minha rica senhora ficam-lhe muito bem esses sentimentos, mas creia que fez mal em sahir á estacada para defender a reputação da inicial do seu lindo nome. Desde já lhe prometto que serei indulgente para com as fraquezas das outras letras, que enfim, são mulheres... Mas hei-de pôr a calva á mostra a essa desavergonhada *L*, que tem scandalisado toda a gente, não só em Portugal, mas tambem em Hespanha, França, Italia, etc. Verá, verá.

O felizardo *M*, valia e vale na numeração romana 1:000 e montada n'um traço vale 1 milhão! Em grego, 40 com apostrophe em cima, 40:000 com apostrophe em baixo, e subposta a outras letras numerava as centenas de milhar. O *N*, na Edade Media, segundo uns autores, valeu 90, segundo outros 900, e com um traço em cima 90:000 ou 900:000.

O *O*, que hoje representa um zero, valia entre os gregos 70, e com a virgula infraposta

70:000; entre os romanos 11 e com uma linha por cima 11:000. É quanto a tempo, era entre os antigos emblema da eternidade, por não ter principio nem fim. Nos calendarios do anno republicano francez representava o 8.º dia da década; posto um travessão de nordeste a sudueste entre dois *oo* passam estes a representar 100: 25 0/0 vinte e cinco por cento...

O *P*, na antiga numeração romaa valia 400 ou 400:000 infraposta a um traço horizontal; entre os gregos, segundo a accentuação 80 e 80:000. Nos bancos significa *protestada*, letra protestada, o que é muito menos agradável que encontra-la, com um *g*, n'uma conta: *pg*, paga! O *Q*, valeu entre os romanos 500, e abrigado por um traço horizontal 500:000. O *R* grego, segundo o costume, valia 100 ou 100:000. Nos exames, em Portugal, não vale grande coisa, como inicial de reprovação e *rapoza*... O *S* (signa) na Grecia valia 200 ou 200000, e não deve confundir-se com o outro signal de sigma, chamado *sti* em grego, que valia 6 a 6:000.

O *T*, já foi abreviatura de 160 e, com um traço por cima, de 160:000. O *U*, propriamente, nunca teve, que eu saiba, valor numeral; mas como elle corresponde ao *y*



Mater Dolorosa (Quadro de Murillo)

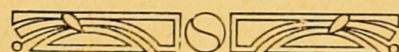


grego (*é psilon*), valia lá, como sempre, 400 ou 400:000 e já não era barro! O *V*, que lhe correspondia em Roma, vale 5 ou 5:000 com um traço por cima. O *X*, é a letra mais feliz, porque não só valia em Roma 10, e com um traço por cima 10:000, mas mesmo na cama tinha valor; quer dizer: deitado valia 100. E hoje, em problemas, o *X* vale tudo o que a gente quizer... Quem portanto mais se lhe aproxima é o *Z*, que como numeral valeu 2:000, e á sombra d'um traço 2 milhões... — que era o que o leitor queria agora, depois d'esta estafadorissima excursão financeira.

Pois não me queira mal, que se o assumpto era arido, não é culpa minha e no proximo serão recompensarei a sua paciencia. E para terminar e o consolar, dir-lhe-hei que se

eu quizesse teria levado mais longe esta espiolhação, sahindo dos ambitos latinos, gregos e phenicios. Assim, em arabe, o *elif*, equivalente ao e (no arabe, já o dissemos, não ha propriamente vogaes) vale hoje 1, o *B*, (ba) 2; o *T*, (ta) 400, o *Ts* (tsa) 500, o *Dj* (djim) 3, o *H*, (h'a) 8, o *Kh'* (kh'a) 600, o *D* (dal) 4, o *Dz* (dzal) 700, o *R* (ra) 200, o *Z* (zaim), o *T'* (ta') 9 etc., pois ha bem 26 le:tras com valores numeraes!... E mais lhe digo que a respeito da maneira de contar e exprimir os numeros, dos outros povos, muito teremos que conversar ainda, e então saberá o leitor coisas mirabolantes...

ARTHUR BIVAR.



LONDRES— Ceremonia inaugural da Festa de Dickens, realisada na sala da Camara de Ealing, pelo rei D. Manuel e rainha Augusta Victoria.

(ao centro D. Manuel e D. Augusta ladeados pelo presidente da Camara de Ealing e Sir William Treloar)

Primeira apparição de uma noiva real em publico

OOO

A Rainha Augusta Victoria fez uma excellente impressão, no Salão Victoria, de Ealing, na ultima semana, quando ella procedeu á abertura da Festa de Dickens a favor do Asylo dos Entrevados de Alton. A Rainha, que está de luto pelo fallecimento de sua avó, vestia uma charmeuse preta, com longo casaco de pelle escura, e ostentava um elegante chapeu preto com pennas brancas.

Miss Ivy Hawkesley, segunda neta de Charles Dickens, offertou a sua Magestade um formoso bouquet.

A Rainha Augusta Victoria, com bella voz, e na mais pura e cuidada phrase ingleza, declarou aberta a solemni-dade, e desejou á fête o maximo exito.

O Rei Manuel, que a acompanhava, percorreu todas as installações com sua regia esposa e realisou muitas compras.

(Extrahido do importante jornal de modas *«Lady's Pictorial»*).



VIDA INTENSA

(PAGINAS D'ALÉM FRONTEIRAS)



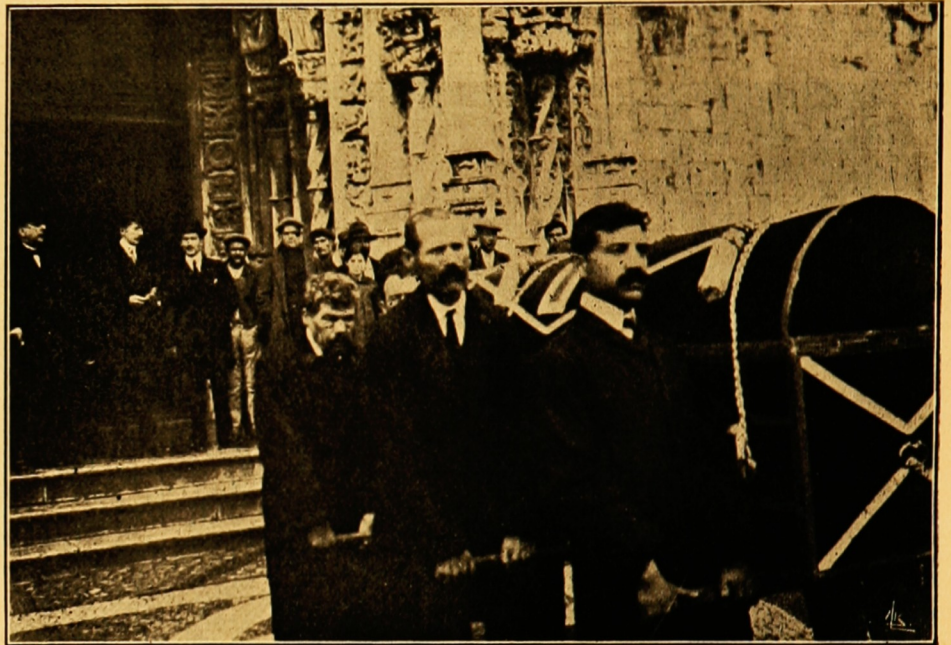
questão irlandeza do **home rule**, agravada agora, com a attitude hostil dos protestantes e dos ingleses, parece assumir um aspecto inquietante. As pretensões dos *homerulistas* sinceramente apoiadas pela maior parte dos conservadores, callam tão profundamente na convicção irlandeza que, se por infelicidade não são satisfeitas, a Irlanda irá até ao fim. Depois da greve monstro dos mineiros, dos constantes e perigosos desmandos das *suffragettes* ousadas, a Inglaterra está a braços com um novo perigo, uma nova desgraça: a guerra civil.

A agitação é enorme e aquella calma disciplinada e fria, que realisava a felicidade politica dos ingleses, parece, que por encanto, se transformou n'uma irascibilidade perigosa. Odios velhos, profundos, reaccenderam-se de momento e com tal intensidade, que não ha calma ou ardil que possa apagar o brasido intenso das aspirações recalçadas...

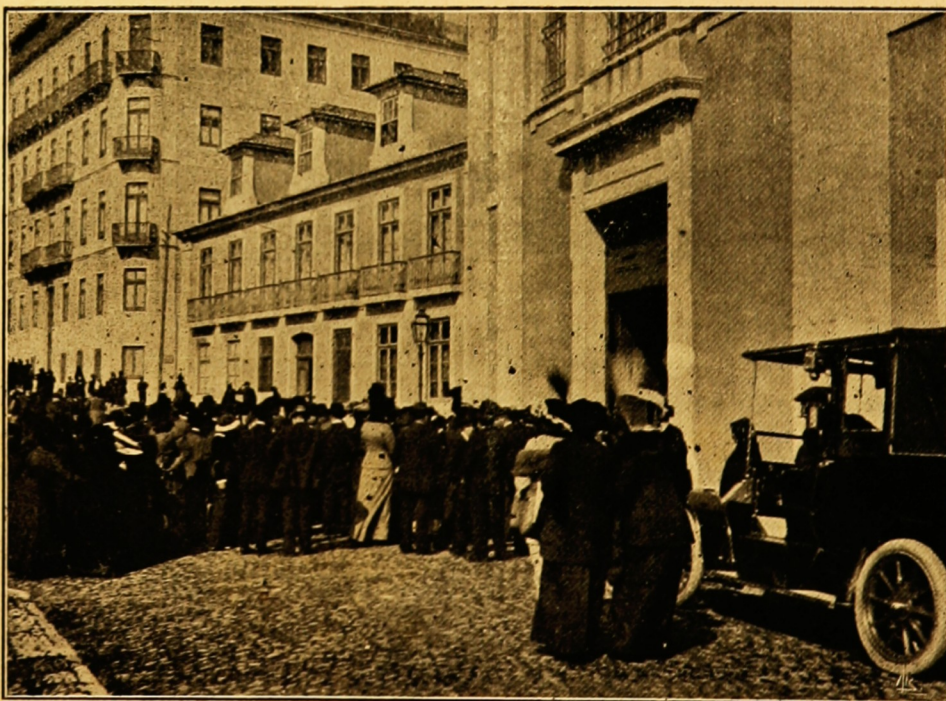
A Inglaterra atravessa um momento perigosissimo, tanto mais, que uma das caracteristi-

cas da lucta que vae desenrollar-se é evidentemente o odio religioso, aquelle que mais cega e mais exalta. Os protestantes querem dominar, impôr principios e leis, aos catholicos irlandezes que são a maioria e que são portanto a fôrça. Ninguém pode prever as consequencias do conflicto... sob o seu ponto de vista interno e muito menos se poderá avaliar, até que ponto, no campo internacional, o facto pode constituir uma horrorosa ameaça.

Declarada a guerra, a Inglaterra que não dispõe d'um grande exercito, terá evidentemente que distrahir algumas das guarnições dos seus barcos e ficará portanto, com varios dos seus monstros immobilizados, nos seus portos



LISBOA — Trasladação dos restos mortaes de S. M. a rainha de Inglaterra Dona Catharina de Bragança para o Pantheon



LISBOA — A' sahida da igreja das Chagas depois d'uma conferencia Quaresmal do eminente orador sagrado P. Fernandes de Castro

(Cliché do phot. am. sr. Pedro Sotto-Mayor)

militares, não sendo d'extranhar, porque em politica, infelizmente, tudo se justifica, que *alguem* aproveite d'essa momentanea fraqueza, não para um golpe bellico, que seria impossivel n'esta quadra revolta da paz armada, mas para impôr á orgulhosa Gran-Bretanha, transigencias e concessões, que não poderá recusar na sua situação tão critica.

Tenho esperanças de que o governo, que agora obteve uma grande votação, ha-de saber dominar-se e animado do mais alto patriotismo, resolverá essa gravissima questão. E' que ninguém pode, d'animo leve, prever até onde chegará a irritação, o desespero da Irlanda, ferida no que tem de mais sagrada: as suas crenças e o seu destino politico.





LISBOA—O funeral de Ramiro Pinto, que foi morto á porta do Gymnasio no dia do espectáculo de caridade em beneficio dos amnistiados politicos pobres. O cortejo funebre a caminho do cemiterio.

E já que hoje lhes fallo só de coisas internacionaes nada alegres, nada consoladoras, porque o destino assim quer, não posso deixar de dizer-lhes que me enche d'amargura e de incerteza tambem o convenio commercial firmado, ha dias, entre a Hespanha e a Italia. Depois do fracasso ruidoso das negociações do tratado de commercio entre os gabinetes de Lisboa e Ma-

drid, este facto constitue uma seria ameaça para os nossos interesses, tanto mais, que os productos favorecidos pelo novo convenio são precisamente aquelles, que constituem a base da nossa exportação para o reino visinho.

A cordealidade arrasta-nos a esta melindrosa situação. Depois d'outubro de 910 a republica levou-nos para o isolamento politico no



LISBOA—Outro aspecto do cortejo funebre.

(Clichés do nosso corresp. phot. de Lisboa.)



campo internacional, como agora mais preocupada com o formigar dos seus adeptos e as suas luctas intestinas nos arrasta inconsciente para o isolamento economico.

O que tem feito afinal a chancellaria demagogica no sentido d'estreitar as nossas relações

□ to das nações, graças á intelligencia d'um grande Rei e d'um grande desventurado...

Desde então, todos os Bismarks republicanos, tem-nos collocado n'esta triste situação de isolamento que só verdadeiramente sente quem anda cá por fóra a ver com verdadeira magua

RIO TINTO--A festa a S. Bento



A igreja onde se festejou S. Bento

Por motivo da extincção da cultural realisou-se este anno na parochial igreja de Rio Tinto a festividade a S. Bento que teve uma concorrência de veras consideravel.

commerciaes com os outros paizes? E' certo, que a imprensa, logo a seguir á revolução, reclamou, cantou pela tuba da fama, a diplomacia vermelha, que negociara o accordo com a França, que o pobre na sua cegueira facciosa ou no seu impudor profissional, atirava ao mundo, como beneficio do novo regimen. Mas nem isso foi obra sua. A Monarchia deixara-lhe já o accordo negociado, como lhe deixara tambem assignados e firmados convenções e tratados, que constituíam a garantia dos nossos interesses e que são o mais insuspeito testemunho, da habilissima politica internacional dos ultimos annos, que Portugal viveu feliz e considerado, no concei-



RIO TINTO — Um aspecto da romaria



como nos julgam e como nos consideram, nos centros europeus.

Triumphos diplomaticos, embora peze á cordealidade perfiada do actual Presidente do Conselho, só actualmente conheço dois:—a demolição do monumento de Camões e o facto alegre, das *habitués* equivoacas do *Luna-Park*, terem batido, ha noites, perante o Paris das emoções e das pandegãs o fado nacional.

Valha-nos ao menos isso...

JOSÉ DE FARIA MACHADO.

Perdido!



DE Saint-Malo a Paimpol, ou melhor, em toda a costa bretonã, raro se vira marinheiro melhor, mais delicado que João Maria Le Gouelen. Os velhos lobos do mar apontavam aos novos a superioridade de João Maria, con-

firmando-a. Era novo: vinte sete annos apenas, e comtudo as auctoridades nunca hesitaram em lhe confiar o governo d'um salvavidas.



RIO TINTO—A compra da louça

(Clichés de J. d'Azevedo phot. da «Ill. Cath.».)

O pae de João Maria, valente marinheiro,

BRAGA = A festa dos Passos em Crespos



A procissão sahindo da igreja parochial

Devido aos esforços de Mgr. Manuel Joaquim Arantes, zelosissimo parochio de Crespos, realisou-se domingo da Páscoa, n'aquella freguezia, uma imponentissima procissão dos Passos.

A concorrencia de fieis foi extraordinaria indo de Braga muitas familias assistir áquella festa religiosa.

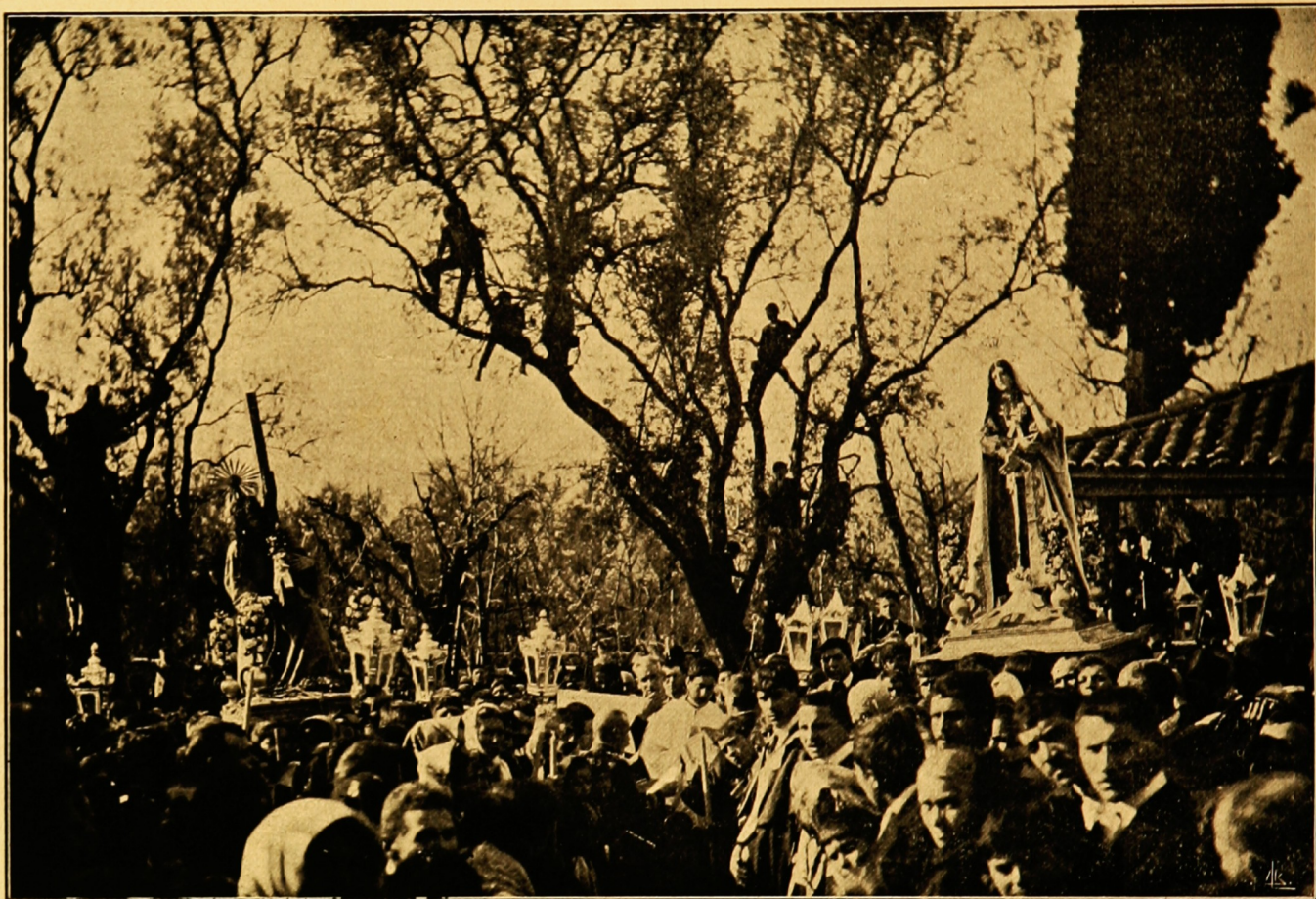


também morrera, annos antes, em noite de borrasca, que lhe despedaçou o barco nos rochedos de Kermor. João Maria ficou só com a mãe, e bem que lograssem certo confôrto, porque era feliz na pesca e possuía uma das melhores chalupas dos arredores, João Maria entrou de se enfiar.

Com os annos veio-lhe o desejo de crear familia, de perpetuar a raça dos Gouelen, pescadores intrepidos, de coração de bronze e musculos de aço. Pouco depois boquejava-se que João Maria casava em breve com a Ivonne, uma rapariga de Paimpol. Os proprios invejosos, que sempre os ha, não podiam deixar de

Precisamente na vespera embarcara João Maria na chalupa, para uma campanha no alto mar, resistindo aos rogos e supplicas da mulher e da filha. Conhecem, com certeza, a pesca de arrasto, de que vivem tantos marinheiros francezes nas costas da Mancha. O arrasto é uma rêde sólida e immensa, immergida por meio de pesos a grande profundidade. Um bom arrasto pode custar uns cem mil reis. A chalupa é um barco, solido e resistente, capaz de aguentar o mar, por furioso que esteja.

João Maria, desde que possuía a chalupa, via-se muitas vezes obrigado pelo mau tempo, a bolinar na costa antes de entrar no porto. Mas

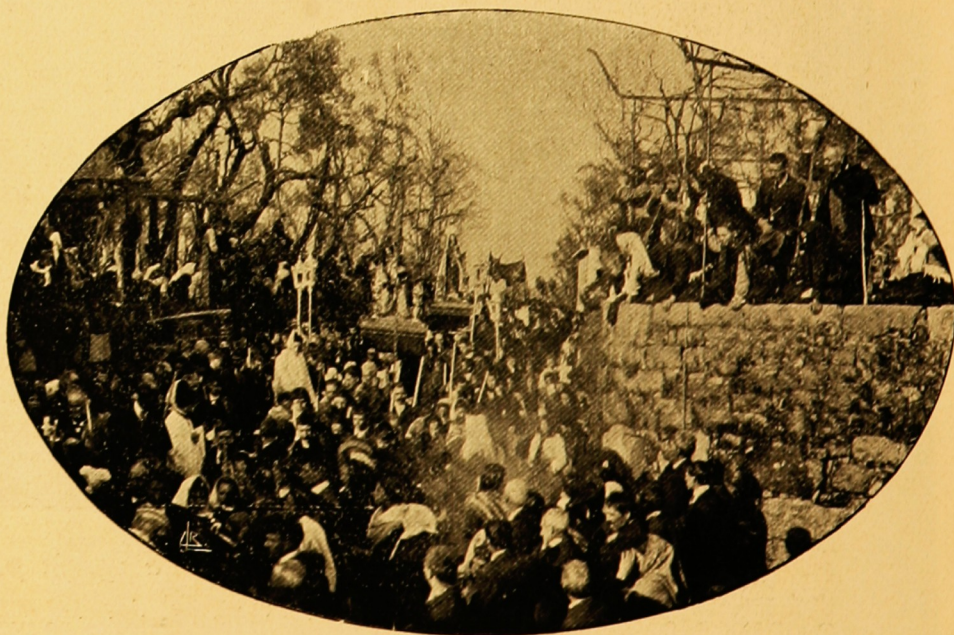


CRESPOS — O encontro

admirar a escolha. Nunca se vira par mais ajustado, assim no physico como no moral. Perdurou em Paimpol o echo da bôda d'estes dois mancebos, geralmente estimados.

Prestes augmentou a felicidade do casal o nascimento d'uma pequenita, e, cmbora o pae tivesse preferido um filho, continuou reinando no lar a mesma atmospha de tranquillidade feliz.

Uma noite, noite bem funesta, desencadeou-se de improviso uma terrivel tempestade. O mar, perfido e mau, embraveceu. Fogo do ceu e ondas pareciam querer abraçar-se n'um amplexo destruidor. Na manhã seguinte a praia estava juncada de destroços revessados pelo mar.



CRESPOS — Um aspecto da procissão





CRESPOS—O andor do Senhor dos Passos

tempestade como aquella nunca elle vira. Ivor-
ne não pregou olhos em toda a noite. De ma-
drugada desceu á praia, a ver se entre os des-
troços havia algum da *Esperança*. Explorado
tudo bem, e convencida de que se enganara,



CRESPOS—O andor da Virgem

voltou a casa onde Joanninha, a pequenita, dor-
mia confiada á guarda d'uma vizinha.

Vinha mais animada. João Maria, apanha-
do pelo vento no mar, voltaria decerto á tarde
ou no dia seguinte. Mas voltaria, com certe-



CRESPOS—O rev. parochio conduzindo sob o pallio o Santo Lenho



LEÇA DO BALIO--A procissão dos Passos

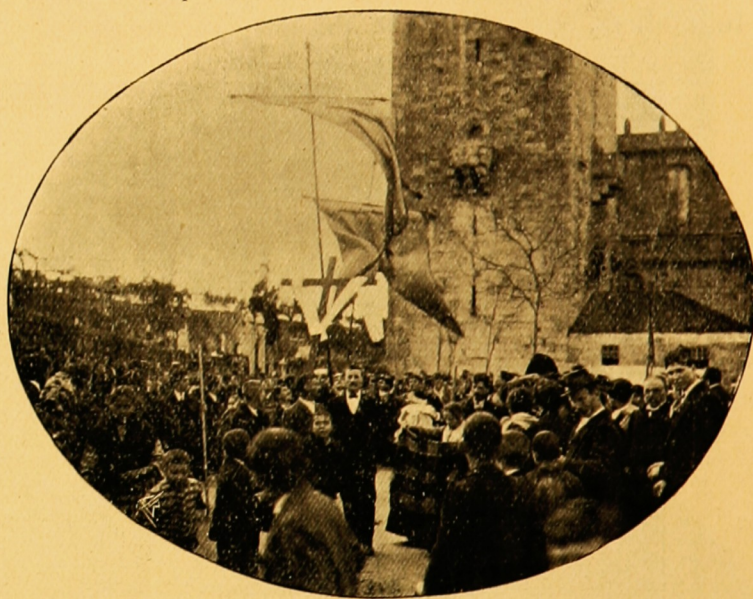


O povo esperando a saída da procissão

za... Não se chamava *Esperança* a chalupa?

Ah, a *Esperança* não voltou! Esperou em vão todo o dia, e o seguinte, e todos os outros; em vão os olhos de Ivonne, queimados pela febre e pelas lágrimas, procuraram no horizonte a vela bem conhecida. Nada aparecia que semelhasse a *Esperança*!

Impossível conservar a menor illusão: a chalupa perdêra-se no mar, despedaçada pela tempestade contra algum rochedo ou revessada à praia, longe, muito longe... Ivonne, perdidas as esperanças, vestiu luto, consagrando-se toda à



Os estandartes que iam à frente da procissão



Um grupo de raparigas aguardando a passagem de procissão

educação da filha, muito nova ainda para avaliar a perda enorme que acabava de sofrer.

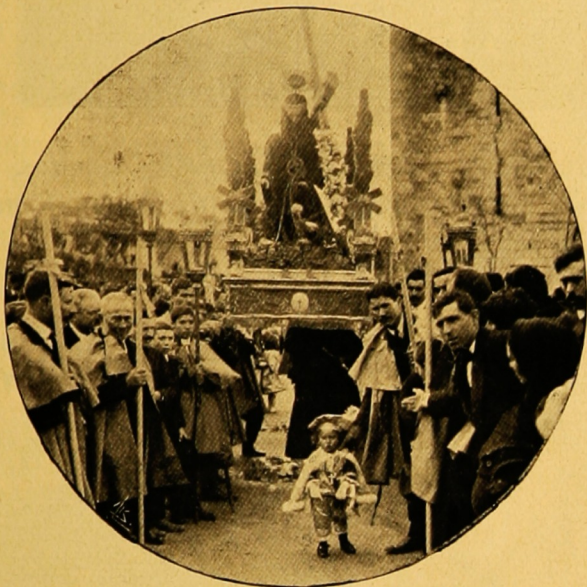
A viuva, em pequena, aprendera a costurar. Entregou-se ao trabalho, a ver se encontrava lenitivo, à dôr, ao desespero que a invadira desde aquelle transe imprevisto.

Rodaram annos. Ivonne, viuva aos vinte, ia chegando aos trinta; a educação de Joanninha estava concluída. A pouco e pouco, o tempo foi suavizando a dôr profunda, e o veu do esquecimento foi cahindo sobre o marinheiro per-



dido. Decerto a recordação do marido perdurava gravada no coração da viuva; mas os contornos da querida imagem foram-se esbatendo com o tempo, ennevoando-se lentamente, até desaparecer de todo.

Chegou um dia em que um raio de felicidade subiu do coração ao rosto da joven viuva. Foi quando um vizinho, da guarda fiscal, um bello moço, lhe deu a entender que seria muito feliz unindo o seu destino ao d'ella. O primeiro impulso de Ivonne foi recusar. Não jurara ella consagrar toda a sua vida á memoria do morto



Andor do Senhor dos Passos

e á educação de Joanninha? Mas a ideia de tornar a casar foi penetrando como gôtta em rocha, senão o cerebro, pelo menos o [coração da viuva.

Até que, vencida na lucta interior, a mão de Ivonne pousou um dia na do valente e garboso rapaz. Consentiu. Pouco depois casaram, sem ruido nem festa. E na pequenina vivenda onde reinara tanto tempo a tristeza, raiou nova



Um aspecto da procissão



Andor da Virgem da Soledade

aurora de felicidade. Até Joanninha, encantada com a bondade do padrasto, não tardou em fazê-lo quinhoeiro da affeição que guardara para o desaparecido.

(Continúa)

A. DE ROCQUE.

Fastos do Catholicismo



Monumento a Palestrina

Sabem que a Egreja é accusada, intransigentemente, de anti-esthetica, de retrograda e de outras coisas mais.

Uma prova do contrario acaba de nos dar Sua Santidade. Na cidade em que nasceu Palestrina, vae-se erigir uma estatua, em honra do grande mestre da musica classica, do eminente contrapontista, creador da polyphonia sagrada, gloria, por isso, do Catholicismo cujo culto tanto embellezou com os altissimos recursos da sua arte.

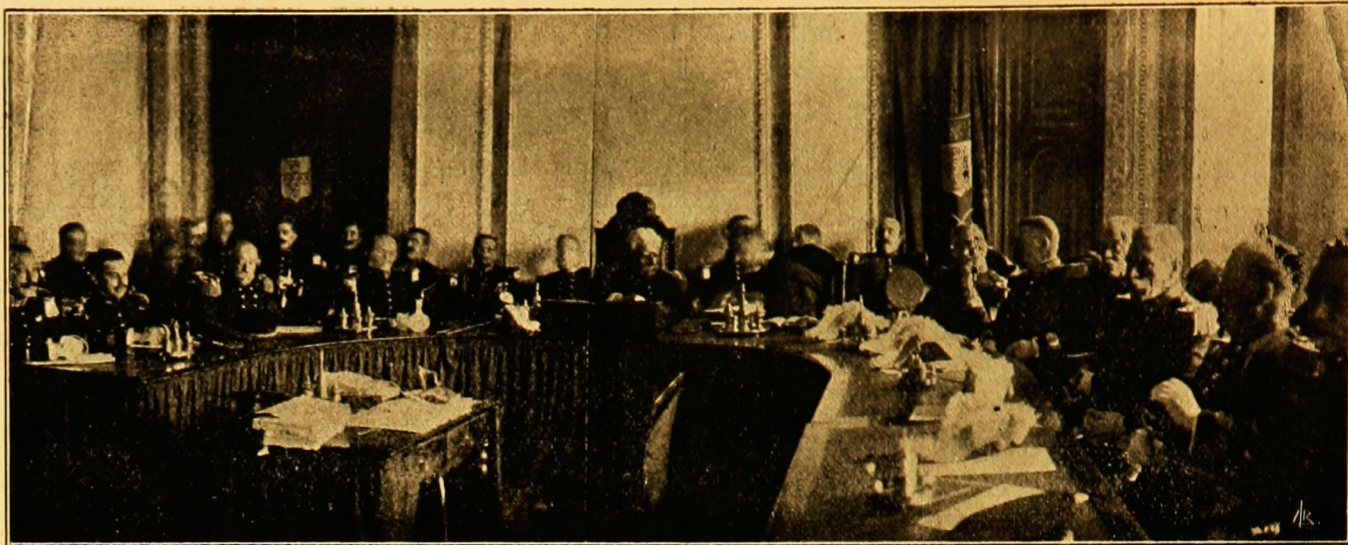
A Commissão encarregada de levar a effeito essa consagração recebeu de Sua Santidade, para as despesas que é necessario fazer, a quantia de umas mil liras, (quatro centos mil reis).



O Pallio sob o qual é conduzido o Santo Lenho

(Clichés de J. d'Azevedo phot. da «Ill. Cath»).





LISBOA—Tribunal marcial. O conselho de guerra que julgou o general sr. Fausto Guedes, capitão de mar e guerra Gomes Andrea e o tenente Lobo Pimentel, accusados de terem tomado parte nos acontecimentos de 27 de Abril

(Cliché do nosso correp. phot. de Lisboa)

No Instituto Biblico

Para remedear o grande mal da preversão do sentido do Sagrado Texto, que alguns criticos se atreviam a fazer, especialmente os philosophos modernistas, os modernistas exegetas, creou Pio X em Roma um Instituto Biblico Pontificio, que muitos trabalhos de investigação escripturistica tem feito já.

Entre esses deve citar-se as proposições analysadas e duvidas resolvidas acerca dos Evangelhos, e de outros livros; e, n'outra ordem de trabalhos a dissertação que no dia 1 d'este mez leu n'esse Instituto o rev. P. Lino Murillo, jesuita hespanhol, teve por thema: «As pretensas phases, no pensamento, ou concepção doutrinal, paulina.»

BRAGA--A visita do snr. Ministro da Justiça



1—Aspecto geral da "gare" da estação do caminho de ferro por ocasião da manifestação feita ao snr. dr. Manuel Monteiro, ministro da justiça e deputados drs. Domingos Pereira e Joaquim de Oliveira.

2—O cortejo seguindo pela rua do Côrvo em direcção á Camara Municipal.

Este estudo que reconhece em S. Paulo unidade de pensamento, foi uma bella conferencia exegetica, que com razão captivou a attenção do egregio auditorio que unanimemente encheu de elogios e felicitações o sabio dissertante.

Um archipelago convertido ao catholicismo

O archipelago de Tuamotu, situado a Este de Tahiti comprehende umas oitenta ilhas que apenas se elevam sete ou oito metros acima do nivel das aguas. Vistas de longe parecem deliciosos oasis de verdura no meio das aguas do oceano, ainda que realmente constituem escolhos perigosissimos que os homens mais experimentados receiam. Apesar d'isso os missionarios do S. Coração conseguiram lá penetrar. Uma das ilhas merece especial menção; chama-se Heheretol. Foram dois homens fugidos de um presidio que lhes levaram a fé. Conseguiram escapar á vigilancia dos seus carcereiros e n'uma fragil barquinha se entregaram á mercê das ondas. Vogaram mais de 600 milhas, sem mais alimento do que um pouco de côco. Extenuados chegaram ao archipelago, onde reinava o paganismo.

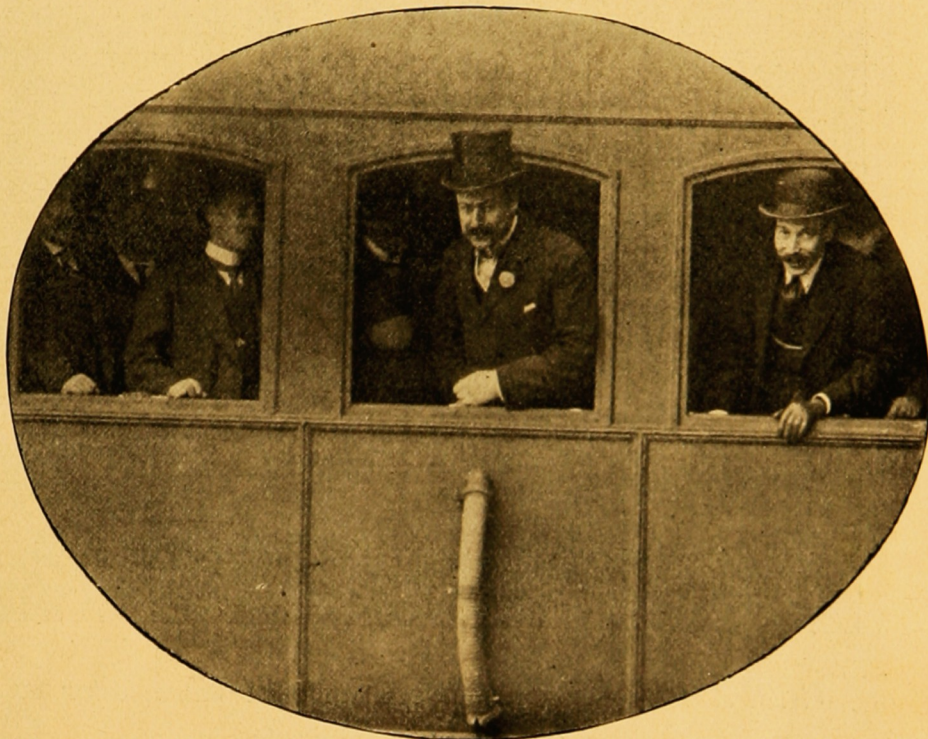
Os recém-chegados não levavam consigo riquezas nem thesouros nem sciencia que constitue o orgulho do mundo civilisado, mas melhor do que isso levavam a sciencia das sciencias, que é o conhecimento do verdadeiro Deus.

Na pequena povoação ainda sub-

mersa nas superstições idolatras fizeram conhecer, amar e servir a Jesus Christo. Ensinaram aos seus hospedes as orações e o pouco cathecismo que sabiam, conseguindo desthronar os idolos, e fazer d'aquelle povo uma pequena christandade «de desejo», á espera de que viesse um missionario regenera-la com o santo baptismo como afortunadamente não tardou muito em succeder.

Os missionarios do Sagrado Coração continuaram a sua obra de evangelisação, extendendo-a a todo o archipelago.

R. C.



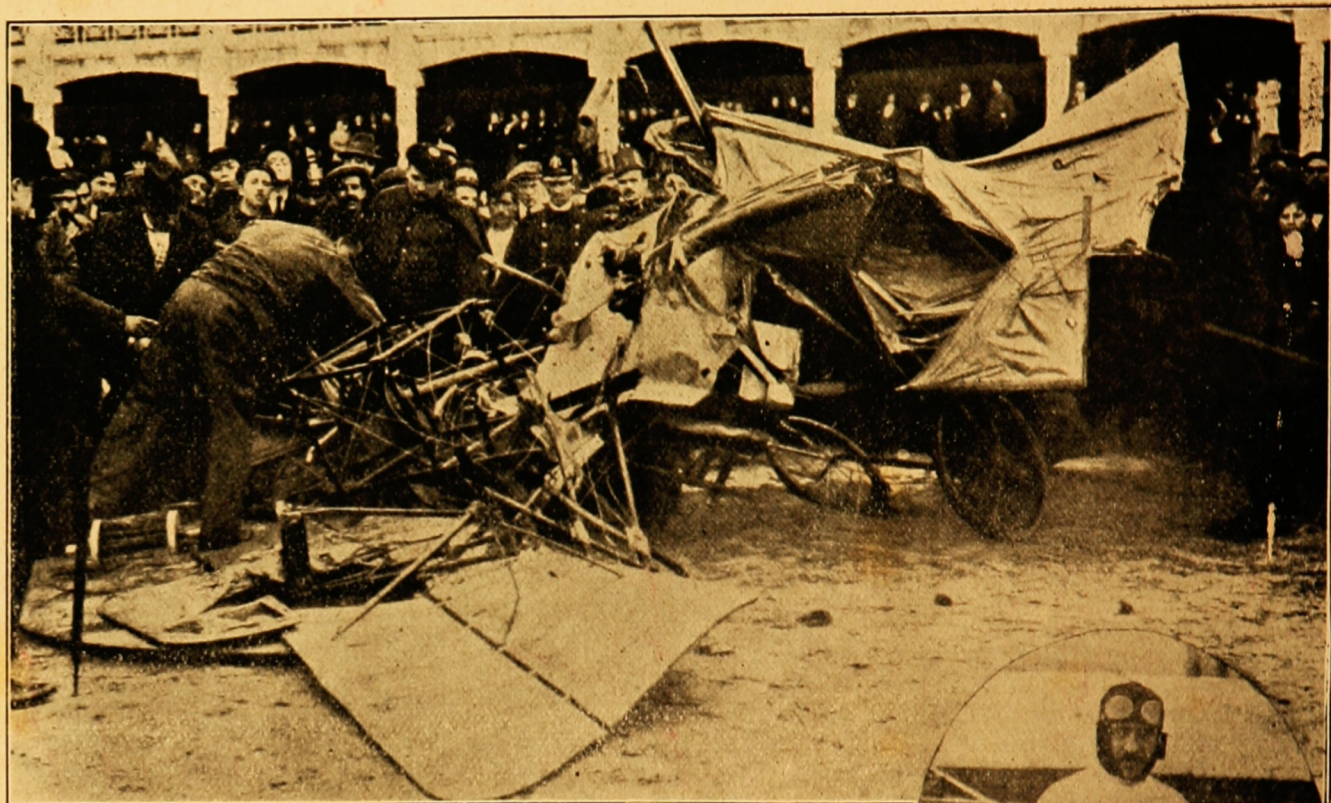
BRAGA—O snr. dr. Manuel Monteiro, ministro da justiça, á janella da carruagem, despedindo-se dos seus amigos



BRAGA—Partida do comboio que conduziu ao Porto o sr. dr. Manuel Monteiro, vendo-se na rectaguada o deputado snr. dr. Domingos Pereira despedindo-se dos seus correligionarios



NOZAS DO ESTRANGEIRO



*HESPANHA—S. Sebastião. Morte de um aviador
O aeroplano depois da queda]*



O aviador Hanouille.



*MADRID—D. Gabriel Maura + com os seus amigos e correligionarios depois de ter
realisado uma conferencia no Centro Maurista*

